Anno 2.º — DOMINGO, 17 DE JANEIRO DE 1909 — N.º 7

CORREIO DE VOLTA

Semanario independente, noticioso e litterario

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annuciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

Rei, governo e parlamento

—=—

No artigo anterior exposemos abertamente a opinião de que o adiamento das cortes, representando um attentado á lei fundamental, que o Rei prometteu e jurou cumprir, significa tambem um erro politico, uma insensatez cujas consequencias só podem ser más — para as Instituições e para o Paiz.

Levámos o nosso escrupulo a ponto de procurar saber se alguma razão haveria que justificasse o procedimento do sr. D. Manuel—para fazermos justiça ás boas intenções que por porventura revelasse. Mas encontrámos apenas os velhos motivos que têm determinado actos identicos em que a nossa historia politica é abundante, e constatámos que o Rei não quer ou não póde abandonar o caminho que levou o pae a um abysmo—e que os politicos esqueceram depressa a campanha formidavel que levantaram contra D. Carlos e o seu ultimo presidente de conselho, quando estes se arvoraram em senhores feudaes de Portugal.

Talvez alguem, ao saber o que se passou nas reuniões dos partidos historicos, realisadas ha pouco mais d'um anno, e ao lêr os jornaes dos mesmos partidos, por essa epoca, nos quaes havia mais violencia e menos respeito para com o soberano do que da parte da propria imprensa republicana, talvez alguem, diziamos, se convencesse de que os servidores da monarchia estavam já cançados da vida velha e de que anceavam por se vêrem livres do Rei, para entrarem em vida nova.

Não nos illudimos nós—como já não nos haviamos illudido com as promessas messianicas de João Franco, porque a lição dos factos nos tem ensinado que aos nossos politicos falta a condição fundamental para poderem ser acreditados — a sinceridade.

Não acreditámos nas suas palavras, mas temos de acreditar nas suas obras—e estas, por mal da nação, desmentem aquellas da maneira mais completa.

João Franco jurava a Deus e aos homens governar sempre com o Parlamento—e addiou-o e dissolveu-o, ficando a governar em dictadura. Os progressistas e os regeneradores, que tiveram a sua imprensa, durante mezes, exclusivamente ao serviço da guerra tremenda que declararam contra aquella, quando agora podiam dar uma prova de caracter, dirigindo os seus actos em harmonia com as suas palavras, decretam o adiamento das côrtes, iniciando, portanto, um regimen identico ao que condemnaram.

Fizeram como João Franco fez—dispensaram os serviços dos deputados a quem despediram com a mesma facilidade e a mesma semcerimonia com que um patrão despede um creado.

E aqui está uma das razões por que os governos em Portugal encontram o monarcha sempre disposto a satisfazer-lhes todos os caprichos: o Parlamento não representa a vontade dos eleitores, e, portanto, os deputados não vão para Lisboa ao serviço da nação — mas do Rei e do poder executivo.

Estes despediram-nos, mas elles não protestam. Numa obediencia servil proclamam até a excellencia da medida adoptada.

A nação póde, por meio da imprensa e do comicio, gritar que se cometteu uma violencia; mas elles, que têm a certeza de que entraram para o Parlamento, não pelo voto consciente do povo, mas porque o Rei e o governo lhes abriram a porta, não se mostrarão amuados sequer, porque sabem que o menor indicio de descontentamento seria bastante para aquella lhes ser fechada para sempre, e, calando-se, resta á sua vaidade a esperança de lá voltar.

O nosso parlamento é uma mentira; e uma ficção é, portanto, o regimen constitucional em que julgamos viver.

O principio da soberania popular, que é a base d'este regimen, é posto systematicamente de parte pelos nossos governos, —e até o povo, por sua vez, não se esforça por que lh'o respeitem. Ignorante, sem a mais elementar educação civica, vão-lhe tirando, quasi sem dar por isso, os direitos que só a elle pertencem, mas que nunca exerceu conscientemente.

E as consequencias de tudo isto sobre elle recáem. O governo, agora, suspendeu o exercicio d'um dos poderes fundamentaes do Estado, mas amanhã, se entender, por exemplo, e embora caprichosamente, que é preciso dinheiro—trata de contrair um emprestimo, pouco lhe importando que a nação o ignore. Esta não precisa mesmo de saber qual o destino que a esse dinheiro se deu.—Basta que o pague, quando os credores o exigirem.

E assim vão passando os annos neste regimen de mentira em que ha muito arrojo por parte do Rei e do poder executivo, porque não têm a recear sequer os protestos do Parlamento de que dispõem e a que tapam a boca, quando se lembram do velho rifão: — segredo de trez diabo o fez.

CARTA DE LISBOA

—=—

13 de Janeiro

Afinal, vae passando a trovoada que carregou sobre o ministerio Campos Henriques. A enorme indignação da imprensa, caudalosa e rugidora torrente a principio, já deslisa mansa e serena como um rio de primavera e não tardará que a vejâmos—tenue regato estival que se perde no areal deserto da vulgaridade quotidiana. Foi verdadeiramente uma trovoada de verão — muito sonora, mas pouco mortifera — porque não consta que algum raio partisse o governo, como muita gente desejava!

Mas, finalmente, desabafou-se. Lisbôa—essa medrosa *coquette*—já abre de novo as janellas e espairece cá por fóra nestes lindos dias que o sol nos dá com impassivel e olympica serenidade!

A Provincia, essa, coitada, é que ainda medita, macambuzia, arreliada, num ai de quem traz bota justa e não sabe como ha de descalça-la. Ahi, principalmente, os figurões regeneradores devem apresentar o *facies* caracteristico das perplexidades irreductiveis, porque a crise veio lança-los na dura necessidade de opção — por Vilhena ou Campos Henriques. Uns — philosophos joviaes e acommodaticios — vão com o Poder, guiados por aquelle axioma vulgar de que «mais vale um passaro na mão do que dois a voar»; outros oscillam, hesitantes, entre os dois polos, lançando olhares gulosos á mesa orçamental que o sr. Campos Henriques vae dispondo com tanta arte e elegancia — mas aturdidos, por outro, pela gritaria do sr. Vilhena que estigmatisa os traidôres á fé que lhe juraram; outros, finalmente, num arranque doloroso de lealdade partidaria, seguem o chefe — como aquelles fieis companheiros do visionario guerreiro da Lenda—commentando entre si o bizarro delirio do seu amo.

Eu gostava immenso de poder ir agora frequentar um pouco algumas villas e cidades por ahi fóra. Que preciosas cavaqueiras por esses clubs pacatos e mal alumiados! Cada um é uma arena, onde cada regenerador que entra parece um toiro a correr. Os da assistenci a— franquistas, republicanos, progressistas, dessidentes—farpeiam-no de perguntas e ditos na ancia de descobrir a sua attitude, e o desgraçado que, ha dias, celebrava talvez o sr. Vilhena, vê-se na dura necessidade de reconhecê-lo desprestigiado e batido, porque tem a infelicidade de ganhar d'um emprego que o sr. Campos Henriques póde arrebatar-lhe! Coisas horriveis estas de fazer da politica um modo de vida ou de viver pela politica!...

*

Eu conheço num canto da provincia uma personalidade que noutro tempo frequentei e cuja *silhouette* ainda hoje descubro no leilão da memoria, em traços vivos, que o tempo não conseguiu apagar, que julgo opportuno recordar aqui.

Physicamente prospero e ornamental, moral e intellectualmente vasio, esse homem resume para mim uma certa feição animica predominante no politico portuguez— e que deve ser estudada pelos futuros dirigentes e educadores das massas.

Era regenerador façanhudo o meu heroe. Não tinha votos, mas tinha charutos, e, quando um acontecimento politico lhe fazia desabrochar no espirito alguma loira esperança, elle accendia o charuto e vinha pavonear-se provocante, á porta do club, — olhando abaixo e acima até que quedava numa attitude altaneira de estatua.

Lembro-me bem d'uma occasião em que com dois amigos meus assisti com immenso prazer a uma d'essas scenas de orgulho silencioso em que o grande homem se immobilisou numa attitude olympica, seguramente meia hora!

Que planos, que concepções grandiosas se esboçaram no seu cerebro, para requerer assim tamanho recolhimento? Que tremendas ambições tumultuariam naquella alma napoleonica?—Sabê-lo—foi para nós durante muito tempo um enigma indecifravel. Mas abordámos a Esphinge. Descavámos cuidadosamente, e, colhendo pequeninos fragmentos, nós pudemos depois reconstruir todo o edificio architetural d'aquella ambição.

E que imaginava elle, afinal, n'aquelle recolhimento fecundo? Sonhava apenas na administração do concelho! Ser administrador! Trocar telegrammas com o governador civil! Pavonear-se nas toiradas e arraiaes, colhendo olhares medrosos dos labregos timidos! — E atirava uma baforada ao longe e seguia para casa de cabeça erguida...

E, como este, quantos por esse Portugal fóra, sr. Vilhena? Quantos a que o sr. não póde fazer administrador, parocho, amanuense ou regedor?! Pois v. ex.ª sonhou que mantinha a unidade no seu partido, só com affirmar com *pose* que hasteava altiva a bandeira e que era o legitimo herdeiro dos papyros de Fontes? Imaginava que os mil variados laços, que prendem as clientellas politicas ao chefe, se atam num momento, só porque approuve a meia duzia de individuos investi-lo no mando?

V. ex.ª, pelo que vejo, é um psycologo inferior que desconhece as leis da crystalisação animica, segundo as quaes, dada uma concção de varios elementos, se obtem essa resultante definida e duradoira—o prestigio.—Pois como conseguiu José Luciano o seu, tão discutido ainda ha pouco, mas agora tão triumphalmente affirmado?

Foi lentamente, sr. conselheiro Vilhena — porque a todos os que agora o cercam elle deu a pranchada do estylo, ao arma-los cavalleiros das suas hostes — a todos formou o espirito politico e deu papa e puxões de orelhas com alternativas de paternaes caricias. Finalmente — creou-os, é pae; e v. ex.ª, sr. Vilhena, é um mero padrasto. E' um padrasto esfomeado que casou com viuva rica com filhos taludos e que, vendo-se na fartura, se fez pimpão e tyranno!

Ora os rapazes já não podiam gostar de sí, toleral-o, — e o que fizeram? O que todos fazem — safaram-se com a sua legitima e fôram governar vida. Foi o que fez o sr. Campos Henriques.

Mendes do Rio.

De passagem

Noticiava, ha dias, o *Seculo*, com todos e «mais alguns» pormenores, como é seu costume, uma desordem travada entre dois individuos, ainda parentes, se a memoria não nos falha, de que resultou ficar um gravemente ferido.

A epigraphe, a letras gordas, era assim concebida, pouco mais ou menos: **Um individuo que anavalha outro por causa d'um phosphoro.**

Estivemos vae não vae para nos contentarmos com o titulo — porque elle cheirava-nos a reclamo á Fabrica de conservas de Brandão, Gomes & C.ª.

No emtanto, para não jurar falso e para contentar a curiosidade, resolvemo-nos a lêr a noticia, mas principiámos... pelo fim, para não ficarmos mais uma vez comido — vá lá o calão.

Ao cabo de duas linhas, convencemo-nos de que se tratava na verdade d'uma desordem, só accidentalmente occasionada por um phosphoro, mas realmente determinada pelo vinho.

O caso é simples e vulgar: os individuos que se anavalharam, por causa d'um phosphoro, segundo a epigraphe do *Seculo*, haviam passado parte da noite na taberna — e eis a razão porque qualquer motivo, ainda que menos valesse do que um phosphoro, os lançaria no caminho do crime.

Quando acabámos a leitura da pormenorisada noticia do *Seculo*, veio-nos logo á memoria uma narrativa de Alberto Pimentel que lêmos, ha annos, mas cuja ideia fundamental nunca mais nos escapou.

Intitula-se *O Vinho*, e quando a comprámos por um vintem num alfarrabista — mesmo sem a folhear, porque pelo preço não a deixariamos de comprar em caso algum — julgavamos haver adquirido um folheto de propaganda scientifica contra o alcool.

Sahiu-nos, porém, uma narrativa de caracter litterario, embora de intuitos sociaes, em que o auctor, para fazer avultar o mal que aquelle terrivel inimigo da humanidade causa, conta, por entre peripecias amorosas, o caso verosimil d'um individuo que ao cabo de trinta ou quarenta annos de vida honesta commette o primeiro crime no dia em que se embriaga pela primeira vez.

O pequeno livro de Alberto Pimentel é de leitura simples, mais ou menos attrahente, e temos tido muitas vezes vontade de o vêr adoptado na escola mais frequentada da aldeia — a taberna.

E', realmente, a taberna uma escola — e das mais aperfeiçoadas — da desmoralisação, do crime, da miseria, de tudo isso que torna o homem um sêr inferior.

Não terão muitos paes o cuidado de mandar os filhos á escola, em busca de instrucção e educação, que lhes desenvolva a intelligencia e forme o caracter, que lhes encha o espirito de luz e o coração de todos os ideaes que formam a aureola mais refulgente que póde cingir a fronte do homem — a bondade. Mas não se esquecem de lhes apontar com o seu exemplo o caminho da taberna.

E isto explica-se. Na aldeia, pelo menos, o povo, finda a labuta de cada dia, não tem onde passar umas horas de repouso para o corpo e de occupação para o espirito.

Não tem um theatro — quantas vezes tambem escola de desmoralisação! —, não tem um jardim, não tem uma associação, não tem um club.

A não ser aos domingos em que, depois da missa d'alva, passa descuidosamente umas horas no adro da igrêja, só tem um ponto de reunião — a taberna. E' esta o seu centro de cavaco, de má ligua; ahi trata dos seus negocios, ahi se aventura a dizer quem não lhe deixa a porta, a pedir o voto, ahi cria amigos e inimigos.

Mas na taberna não se conversa apenas. Bebe-se tambem, quando não se não joga até. E, d'este modo, os que a frequentam dentro em pouco adquirem dois dos vicios que mais concorrem para o abaixamento do nivel moral da humanidade.

E' sempre com magua que lançamos os olhos para dentro d'uma taberna, porque nunca vimos que d'ella sahisse uma ideia nobre e muitas vezes temos observado que d'ella parte a devassidão, o crime, a miseria, tudo isso que torna o homem um ser inferior.

O casamento é uma especie de fortaleza sitiada: os que estão de fóra querem entrar, e os que estão de dentro desejam sahir.

AO SERÃO

GAZETILHA

O Jayme de Mello e Lima,
Essa bôa creatura
Que, sem êrro, tem p'ra cima
De tres mil metros d'altura;
Esse home' extraordinario,
Colossal, linda figura,
Que daria bom campanario,

Pára-raios ou pharol,
Pois tendo os pés cá na rua
Dá beijóquinhas no sol
E festinhas faz á lua;
Em seguida a longa critica
Em linguagem bem crua
Aos successos da politica,

Pela qual — *qu'honra pr'ó pae!*
(Fique patente o registro)
'Steve quasi vae não vae
A ser preso pr'a ministro;
A chupar numa *biata*
E com ar algo sinistro
A conversa assim remata:

— Ouça lá, El-Vidalonga,
Você sabe lêr *por cima*
E até pela *songa-monga*
Mette o bedelho na rima;
Por isso, diga-me cá:
Não serão de costa acima
As questões do b a ba?

— Com certeza. — Pois então,
Como não lhe custa nada,
Metta em brios *a commissão*
De b'neficencia chamada
Desta nossa freguezia,
A vêr se, bem abanada,
Dá signaes de si, um dia.

El-Vidalonga.

EPIGRAMMAS

Indo-se a casar um gebo,
Que era gago e não podia
Pronunciar bem «recebo»,
Gaguejava e só dizia:
Arre... Arre... cebo... cebo...

Alguem suppõe que o dizia
Com intenção. Não percebo.

João de Deus.

*

Homem de genio impaciente
Tendo uma dôr infernal,
Pedia para matar-se
Um veneno ou um punhal.
«Não ha (lhe disse um visinho
Velho que pensava bem)
Não ha punhal, nem veneno;
Mas o medico ahi vem»

—

«Morte! (clamava um doente)
Este misero soccorre.»
Surge a Parca de repente,
E diz de longe: — Recorre
Ao teu medico assistente».

Bocage.

ANEDOCTAS

— Quantos annos tem? perguntou o juiz a um padre que estava a prestar juramento, para depôr como testemunha.

— Sessenta e dois.

— E' casado, solteiro ou viuvo?

— Eu, snr. Juiz.....!!

*

Conta-se que Milton, tendo casado em segundas nupcias com uma mulher formosa, mas de mau genio, lhe disse, um dia, um amigo:

— Tens uma linda mulher. E' uma rosa.

— E' verdade, respondeu o poeta. Não lhe vejo as côres, mas sinto-lhe os espinhos.

TROVA POPULAR

Minha mãe, case-me cedo,
Emquanto sou rapariga;
Que o milho sachado tarde
Não dá palha nem espiga.

NOTICIARIO

Baptisado. — Realisou-se na terça feira o baptisado do pretinho «Murça», de 12 annos, que aqui vive ha algum tempo em companhia da familia do sr. Augusto de Lima Vidal que o trouxe da Africa. Foram seus padrinhos a sr.ª D. Catharina, irmã da esposa do sr. Vidal, e o sr. Alberto de Lima Vidal.

D'aqui em diante não será o «Murça», mas o sr. Isidro — é esta a sua graça.

Não assistimos ao acto religioso, mas consta-nos que o rapazio fez ruidosas manifestações ao gentil «Murça» que, sem córar, agradecia num sorriso ligeiro que lhe deixava vêr os dentes brancos como o jaspe.

Festividade. — Deve realisar-se no proximo dia 24, nesta freguezia, a festividade em louvor do martyr S. Sebastião.

Ha boa-vontade por parte dos seus promotores e isso já é muito para que possam realisar uma festa que agrade.

Deve ser bastante concorrida, como é costume, se o tempo o permittir.

Fallecimentos. — Falleceu no dia 8 o nosso conterraneo sr. João Cypriano que gosava da estima de todas as pessoas que o conheciam, sendo por isso muito sentida a sua morte. Ao seu funeral, que foi bastante concorrido, assistiu a musica «velha» de S. João de Loure.

A toda a familia enluctada, especialmente ao seu sobrinho e nosso amigo, sr. José Fernandes Cypriano, enviamos sinceras condolencias.

— Falleceu tambem no mesmo dia um filhinho do sr. Eduardo Poveiro a quem acompanhamos na sua dôr.

Certamen escolar. — Acaba de effectuar-se em Coimbra um concurso entre collegios e escolas officiaes e particulares que maior numero de distincções tivessem obtido nos ultimos dois annos.

Concorreram o Collegio Mondego, o Collegio de S. Pedro e a Escola Central de Santa Cruz, vencendo o primeiro, que é um estabelecimento modelar dirigido pelo seu illustrado proprietario, o nosso patricio sr. Diamantino Diniz Ferreira a quem foi conferido um Diploma de Honra.

Aos alumnos distinctos foi dedicado um festival no Gymnasio Club d'aquella cidade onde lhes foram entregues brindes valiosos pelos promotores d'este certamen, o primeiro no paiz, que muito há de influir no futuro para a apresentação a exame de alumnos com uma segura orientação, tanto mais que já estão lançadas as bases d'um novo concurso no proximo anno.

Ao sr. Diamantino Diniz Ferreira, que é um dedicado apostolo da instrucção, apresentamos os nossos cordeaes parabens pela justissima recompensa do seu trabalho.

Collegio Mondego. — No elegante theatro d'este collegio, de que é proprietario e director o nosso patricio sr. Diamantino Diniz Ferreira, deve realisar-se hoje um sarau cujo producto reverterá a favor d'um chefe de familia sem trabalho, de Coimbra.

Nesta festa, ao mesmo tempo de caridade e instructiva, tomarão parte os alumnos d'aquelle estabelecimento.

Entre a Torreira e Bestida. — Vae ser aberto novo concurso para o estabelecimento da navegação entre a Torreira e Bestida, por meio de lanchas automaticas. Deve ser publicado ainda esta semana o respectivo programma.

Festa da arvore. — Deve realisar-se, hoje, em Aveiro a festa da arvore.

A' 1 hora e meia da tarde, realisará uma conferencia publica sobre o motivo da festa, no theatro Aveirense, o nosso amigo e distincto professor, José Casimiro da Silva.

Depois da conferencia, organisar-se-ha o cortêjo no Largo Municipal que seguirá para a Avenida Conde d'Agueda onde as creanças têm de plantar as arvores.

Assistirão a esta festa duas philarmonicas: a dos Bombeiros Voluntarios, que se encorporará no cortêjo, e a do regimento de infantaria 24 que tocará na Avenida Conselheiro Albano de Mello.

Pela imprensa. — Agradecemos, penhoradissimos, aos nossos collegas que noticiaram o reapparecimento d'este jornal e cujas referencias abaixo transcrevemos.

Do «Aveirense»:

«Correio do Vouga» chama-se o outro collega que nos fez a sua visita. Publica-se na visinha freguezia e extincta villa d'Eixo, sendo seu director e proprietario o sr. Alfredo Rodrigues Coelho de Magalhães

O numero que temos á vista insere collaboração varia e toda interessante.

Aos nossos collegas desejamos longa vida.

Do «Jornal de Vagos»:

«Recebemos a visita d'este excellente semanario, da antiga villa d'Eixo, Aveiro, e do qual é director e proprietario o sr. dr. Alfredo Rodrigues Coelho de Magalhães. Apresenta-se muito bem escripto.

Longa vida e prosperidades».

Do «Correio de Vagos»:

«Resuscitou o «Correio do Vouga», semanario independente que tem em mira a defeza dos interesses da villa d'Eixo. E' jornal bem feito, superiormente dirigido pelo sr. dr. Alfredo de Magalhães, distincto advogado e professor no Porto.

Longa vida sem tropeços».

Do «Progresso d'Aveiro»:

«Correio do Vouga». Reappareceu este nosso collega, orgão dos interesses da villa d'Eixo, de que é director e proprietario o nosso amigo dr. Alfredo Rodrigues Coelho de Magalhães».

Creação de escolas. — Devem ser publicados brevemente os decretos, creando escolas em Taboeira, Povoa do Paço e Sarrazolla, do concelho d'Aveiro, e Senhora da Bôa Hora, do concelho de Vagos.

Desastre. — Enviou-nos o nosso obsequioso correspondente da Oliveirinha a noticia d'um lamentavel desastre de que foi victima o sr. Francisco Cardoso, da Costa de Vallade.

Andava o infeliz Cardoso, no dia 8, a arrancar cêpos de pinheiro, na Granja de Cima.

Na occasião em que uma junta de vaccas arrastava um d'esses cêpos da respectiva cova, por meio d'uma corda, esta partiu e o cêpo caiu sobre elle.

Ficou muito ferido, durando apenas tres dias, pois falleceu no dia 11. Deixa viuva e tres filhos menores.

Transferencia. — Vae ser transferido para a comarca de Vagos o sr. dr. José Libertador Ferraz d'Azevedo, meritissimo juiz da comarca de Reguengos de Monsaraz, que durante alguns annos exerceu o cargo de delegado do procurador regio em Aveiro.

Nomeação. — Foi nomeada professora ajudante da escola do sexo feminino de Albergaria-a-Velha a sr.ª D. Christiana Fernandes Leal.

NOTICIAS PESSOAES

— Pelo seu anniversario natalicio, que passou no dia 14, felicitamos o nosso presado amigo, sr. P.e Antonio Gomes da Silva, digno proprietario e director do Collegio de Nossa Senhora da Victoria, do Porto.

— Teve a sua feliz *délivrance*, dando á luz uma galante creança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Carvalho, esposa do nosso amigo sr. Paulo Moreira, dignissimo empregado das Obras Publicas do districto d'Aveiro.

— Tem passado incommodado, achando-se felizmente quasi restabelecido, o nosso presado amigo e obsequioso e illustrado correspondente do Troviscal, sr. Antonio Joaquim de Carvalho.

— Esteve no Porto, onde foi prestar a prova oral no concurso para conservador, o nosso querido amigo e collaborador, sr. dr. Alvaro Pato.

— Regressou da capital o nosso erudito collega do *Campeão das Provincias*, sr. Marques Gomes.

— Regressou da capital ao seu palacete da Borralha o sr. Conde de Sucena.

— Estiveram ultimamente em Aveiro os srs. dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, meritissimo juiz de direito de Anadia, e José Rodrigues Pardinha e Antonio Eusebio Pereira, importantes proprietarios em Sarrazolla.

— Encontra-se no Porto, onde foi fazer concurso para conservador, o nosso presadissimo amigo e antigo collaborador d'este jornal, sr. dr. Antonio de Bragança Pereira, meritissimo juiz municipal de Mormugão (India Portugueza).

Commissões de Beneficencia e Ensino

Não se assuste a da nossa terra. Não é d'ella que vamos hoje fallar, embora tenhamos razões para o fazer. Já cumprimos o nosso dever, registando neste jornal o seu lamentavel desleixo e mostrando as vantagens que poderiam advir da sua iniciativa e dos seus esforços.

Seriam debalde as nossas palavras? E' isso que estamos para vêr. Conservemo-nos mais algum tempo em espectativa — para continuarmos, em momento opportuno, a nossa campanha.

Entretanto, vamos prestando o nosso auxilio a todas as que o julgarem util e — mostraremos assim que nos merecem especial attenção os assumptos de instrucção — e talvez, um dia, a commissão da nossa terra se resolva a trabalhar e a acceitar a collaboração que de tão bôa-vontade lhe offerecemos já.

Fizémos nós no 3.º numero (2.º anno) d'este jornal a affirmação de que algumas commissões, logo que fôram creadas, começaram a trabalhar dedicadamente, demonstrando, pelos resultados obtidos, que não foi baldadamente que o Estado apellou para a iniciativa particular.

Fizemos a affirmação, convencidos de que a poderiamos provar, e consola-nos grandemente ter hoje ensejo de o fazer.

Devemol-o a um amigo que, pedindo-nos para publicar as contas da commissão da freguezia de Vallongo do Vouga (Agueda), o que principiamos hoje a fazer na 4.ª pagina, acompanha o pedido das seguintes palavras a que da melhor vontade damos publicidade:

De todos os actos de philantropia um dos que são verdadeiramente uteis é incontestavelmente o auxilio prestado ás Commissões de Beneficencia Escolar, pelo fim a que é destinado.

Evidentemente, fornecer aos pobres o meio de ganhar, pelo trabalho, o pão, é bem mais vantajoso e humano do que dar-lhe uma côdea, quando não teem que comer por não estarem aptos para o ganharem pela falta d'Instrucção — o que se vê a cada passo nesta decantada nação portugueza.

Ha comtudo muitas freguezias onde essa grande obra humanitaria ainda não encontrou echo nem a devida comprehensão, certamente por falta de iniciativa d'uns e bôa-vontade de todos.

E um exemplo bem frisante de quanto póde a força de vontade é a Commissão de Vallongo do Vouga.

Esta Commissão, podemos af-

firmal-o, nunca se teria installado, se não fôsse a vontade de ferro que o digno professor d'esta freguezia desenvolveu.

Mas instalou-se, finalmente, e os seus maravilhosos resultados ahi estão patentes aos olhos de todos. Para ella e para os seus subscriptores vão os nossos maiores applausos.

DURANTE A SEMANA

PROPOSTAS DE LEI

D'entre as propostas de lei que o ministro do reino tenciona levar ao parlamento, contam-se as seguintes, segundo a nota fornecida á imprensa:

Reforma da instrucção primaria e secundaria, de modo a simplificar, quanto possivel, sem desproveito para o ensino, os programmas já existentes; reforma eleitoral, em que se estabelece o principio liberal de dar representação no parlamento a todas as classes sociaes; estabelecimento da policia rural em todos os concelhos, de forma a poder garantir a inviolabilidade das propriedades rusticas, segurança no transito das estradas, etc.; reforma dos serviços da policia de segurança, administrativa e de investigação criminal; sobre beneficencia, alargando ainda mais a protecção aos desvalidos; e sobre hospitalisação, no sentido de melhorar o que já está legislado sobre o assumpto.

PARES

Consta que as vagas existentes na camara alta serão prehenchidas por individuos dos partidos progressista e regenerador, indicando-se os snrs. Rodrigo Pequito, Manuel Vargas, Adolpho Pimentel, Anselmo d'Andrade, Amadeu Infante, Visconde da Torre, Condes de Castro Sola e de Paçô Vieira, Ferreira de Magalhães, Antonio Cabral, Moreira Junior, Fialho Gomes, Alfredo Pereira, Mathias Nunes, Julio d'Araujo, Albano de Mello, Leopoldo Mourão, conde de Penha Garcia e João d'Azevedo Coutinho.

Depois de escripta e composta esta noticia, lêmos nos jornaes d'hoje que o governo já não pensa no prehenchimento das vagas na camara dos pares, porque conta ter n'ella grande maioria.

Vamos esperando, a vêr no que se assenta, afinal.

CONCURSO DE LIVROS

Foi aberto concurso até 31 de março de 1910, para o fornecimento dos seguintes livros a adoptar nas escolas primarias, no trienio de 1910-1913: leitura — 4.ª classe; para agricultura, um opusculo com a exposição de rudimentos de agricultura pratica; desenho—um livro para a 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, e outro para a 4.ª; moral e doutrina christã—um opusculo para todas as classes.

MORTOS ILLUSTRES

Falleceram, ultimamente, os srs. Jayme Arthur da Costa Pinto e general Francisco Maria da Cunha, dois homens de destaque no nosso meio politico.

O primeiro era provedor da Real Casa Pia de Lisbôa e foi presidente da camara de Cascaes, por varias vezes, revelando no desempenho de ambos os cargos muita actividade que subia de ponto, quando dirigia festas régias em cuja promoção era insigne, e, agora, insubstituivel.

O segundo, tendo sido eleito deputado pela primeira vez em 1861 e nomeado par do reino em 1881, chegou a ministro em 1897, em que fez parte, como ministro da guerra, d'um gabinete presidido pelo snr. conselheiro José Luciano. Foi chefe da casa militar d'el-rei, ministro de Portugal no Brazil, governador da India e presidente da Sociedade de Geographia.

Morreu aos 76 annos de edade, deixando larga folha de serviços prestados ao seu partido e ao paiz.

EM ALIJÓ

Deram-se em Alijó, ultimamente, graves acontecimentos, motivados pela fome, pode dizer-se.

O povo, que não tem outro recurso para occorrer ás primeiras necessidades da vida, além do preço por que vende os seus vinhos, vendo que estes não teem sahida e que os poderes publicos parecem indifferentes á sua desgraça — revolta-se.

Transcrevemos do «Primeiro de Janeiro» o relato dos acontecimentos occorridos naquella villa:

«A's 10 horas da noite de hontem (10), mais de mil homens de diversas freguezias d'este concelho, armados com espingardas, picaretas machados, assaltaram esta villa, arrombando as portas da repartição de fazenda e da recebedoria, e lançaram fogo a toda a papelada e mobilia, em frente do respectivo edificio. A's 11 horas da noite, já estava tudo reduzido a cinzas, ouvindo-se ininterruptamente ensurdecedores vivas ás diversas freguezias d'este concelho.

Todas as embocaduras das ruas confinantes com aquellas repartições estiveram devidamente guardadas pelas auctoridades, não permittindo que se approximassem os habitantes d'esta villa.

Os sinos da egreja tambem estiveram guardados para que se não tocasse a rebate.

As linhas telegraphicas foram cortadas.»

A experiencia é um tropheu composto das armas que nos feriram.

Tres coisas perdem o homem: muito fallar e pouco saber, muito gastar e pouco ter, muito presumir e pouco valer.

Se queres saber o valor do dinheiro, pede-o emprestado.

SECÇÃO LITTERARIA

SONETOS

Cheios de paz e cheios de doçura,
Dão-me os teus olhos tanta claridade
Que a minha tormentosa noite escura
Se rasga em vias-lacteas de bondade!

E vou na trajectoria da ventura,
E sigo a linha recta da verdade,
Por ti guiado, oh fragil creatura,
Tão forte em tua simples humildade!

Que o amôr vos traga aonde o amôr me trouxe,
Cegos que enveredastes pelo mal,
Pois nesta estrada chã, direita e dôce,

A Morte ajoelhará quando vier,
Ante a Vida, que a Vida é immortal,
Reflorindo n'um seio de mulher!

(Do livro «Sonetos»)

Oh mais linda entre as lindas creaturas,
Sobre a tua cabeça preciosa,
Como chuva de petalas de rosa,
Caiam bençãos e ineditas doçuras!

Deslise a tua vida harmoniosa!
Que todos os meus males e amarguras
Te sejam descontados em venturas
Oh dôce, oh clementissima, oh piedosa!

Solto collar de liriaes opalas,
Vêm cheias de luar as tuas fallas
Minha Santa Cecilia, minha Santa!

Meu amôr, a tua Alma é bem a nota
A mais suave da harmonia ignota
Que Deus Nosso Senhor aos homens canta...

Candido Guerreiro.

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

*

Lista dos subscriptores:

Alfredo C. de Magalhães . . .	*10$000*
Angelo Vidal	*5$000*
D. Maria L. dos Reis e Lima .	*1$000*
D. Elisa dos Reis e Lima . .	*200*
D. Amelia dos Reis e Lima .	*200*
D. Beatriz dos Reis e Lima .	*200*
José Ferreira de Magalhães .	*2$000*
Um anonymo	*2$000*
Fernando dos Santos Vagueiro	*500*
Desembargador Manuel A. dos Reis e Lima	*12$000*
Somma . . .	*33$100*

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1,º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos obsequiosos assignantes o favor de nos prevenirem, sempre que mudem de residencia, ou quando não recebam o jornal.

Sem politica

ANALPHABETISMO

Com o titulo «O analphabetismo em Portugal» e o sub-titulo «suas causas e meios de as remover», acaba de ser publicado o relatorio que o sr. Borges Grainha elaborou e apresentou ao primeiro congresso pedagogico de instrucção primaria e popular, promovido pela Liga Nacional de Instrucção e realisado em abril de 1908.

Vem a proposito — agora que se trata d'uma novissima reforma, talvez para peor, como quasi sempre acontece com as reformas no nosso paiz.

São tirados d'elle os dados que abaixo publicamos com o fim de mostrar que de quasi nada têm valido as successivas reformas, o que ao mesmo tempo justifica as nossas poucas esperanças na que está na forja.

Percentagem dos analphabetos em 1903:-75,12 %, correspondendo aos varões 66,65 % e ás femeas 82,72 %.

De 75:730 individuos, que casaram em 1901, 53:621 não sabiam escrever o seu nome, sabendo-o fazer apenas 22:109, dos quaes 14:144 varões e 7:965 mulheres.

Em 1903 emigraram 21:757 individuos. Apenas 9:388 sabiam lêr, e d'estes ainda 8:044 eram homens e 1:344 mulheres.

Estes simples numeros, mais eloquentes do que todas as palavras, são o bastante para evidenciar o nosso atrazo.

Mas este mais avulta, se o puzermos em contraste com a situação d'alguns paizes. Por exemplo a Suissa — em que, no anno de 1906, de 45:304 individuos que contraíram matrimonio, apenas 13 eram analphabetos.

Di-lo a *Lucta*, no seu numero de 29 de fevereiro de 1908:

«O numero de conjuges na Suissa, no anno de 1906, foi de 45:492.

Entre elles appareceram 141 analphabetos, dos quaes eram varões 56 e femeas 85.

Agora reparem no seguinte;

D'esses analphabetos eram nascidos na Suissa apenas 13, dos quaes 5 do sexo masculino e 8 do sexo feminino.

Os restantes eram estrangeiros, assim divididos, segundo as nacionalidades: italianos 118 (homens 51, mulheres 67); francezes 4 (mulheres); allemães 1 (mulher); austriacos 1 (mulher); russos 3 (mulheres); turcos 1 (mulher).

Deduzindo, pois, dos 45:492 conjuges, a que se refere a estatistica, 128 estrangeiros, temos que dos 45:304 naturaes da Republica Helvetica, que contrairam casamento, eram analphabetos 13».

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 13

Alguma coisa se aproveitou com a morte do pobre limpa-calhas e do operario atropelado na Junqueira—que morreu poucos dias depois de entrar no hospital: o governanor civil deu providencias para que os proprietarios dos automoveis mandem numerar estes a traços carregados, de maneira que possam conhecer-se mesmo a distancia, quando fugirem, como fez o de dia de Reis.

—Causou aqui o mais profundo pesar, entre os nossos conterraneos, a noticia do fallecimento do nosso amigo, sr. Manuel Nunes Baeta, homem muito prestavel a quem S. João de Loure deve alguns melhoramentos, entre os quaes o lavadouro da fonte «Figueira» e o chafariz que anda em construcção na avenida do Cruzeiro.

A toda a familia enluctada, e especialmente ao seu irmão José, enviamos sentidos pesames.

—Retiraram para S. João de Loure a sr.ª Joaquina de Pinho e para Horta (Eixo) o sr. João de Lima.

—Com estes dias de chuva miudinha e impertinente — de molhatôlos, como se costuma dizer, — é um martirio estar na capital.

Não se póde passar por algumas ruas, sob pena de se ficar enterrado na lama. As senhoras vêem, muitas vezes, deante de si este dilemma: ir aos saltos ou levantar o vestido até ao joelho.

—Assistimos, ha dias, a um espectaculo que nos contrariou bastante. Foi junto do chafariz da Praça das Flores. Um carneirito, tratado a chicote, a puxar a uma carroça carregada com dois canecos d'agua.

Pobre cordeiro! Se elle fallasse, havia de dizer-nos que o seu verdadeiro lobo—é o homem. Pois se este é até, segundo a phrase do philosopho, o lobo do proprio homem...

— Na mesma occasião e vindo do mesmo chafariz, a sr.ª Maria dos Anjos, moradora na rua Nova da Piedade, (Pateo do Bispo), escorregou, partindo a bilha que trazia á cabeça e dois dedos da mão

---

Você está por ventura na edade de contrahir matrimonio! Bem digo eu! duas vezes somos meninos. E a noiva? quem é a tola da noiva?

O moleiro com os olhos no chão murmurou vexado:

—A noiva é a minha sobrinha.

—Peor é essa! uma creança de vinte annos, se os tiver. Você já pensou bem no passo que vae dar?

—Tenho pensado.

— Admira, pois sempre ouvi dizer que quem pensa não casa e quem casa não pensa.

—Assim será, mas é caso resolvído, tornou o moleiro, relanceando os olhos pelos retabulos pendentes das paredes,

—Você—insistiu o vigario—já reparou na differença das edades?

—O amor não tem edade.

—Nos encargos do casamento, nos filhos?

—Isso é lá com a mãe.

—E com o pae, tambem.

—Pae! murmurou Mathusalem, alçando os olhos ao tecto como quem saboreia uma caricia celeste.

— Mas a dispensa de Roma vae custar-lhe um dinheirão, é como quem compra a mulhér n'uma feira...

—Não duvido, sr. vigario; mas que doce consolação não será a de uma pessoa quando acordar de noite e poisar a mão no seu dinheiro!

—Visto isso e os autos, não tenho mais nada a oppor; dê cá o papel.

E emquanto o sr. vigario debruçado sobre o arcaz redigia o requerimento, o moleiro, em pé, atraz d'elle, acariciava com a palma da mão o liso pello do chapeu braguez, docemente, voluptuosamente, como quem por altas horas da noite accorda satisfeito e poisa a mão... no seu dinheiro.

J. Simões Dias.

Um quadro de sacristia

Estava o sr. vigario a acamar os paramentos sobre a tampa do arcaz, depois da missa d'alva, quando entrou na sacristia, arrastando penosamente os grossos tamancos no lagedo, o velho Mathusalem.

Mathusalem era o moleiro mais antigo da freguezia, e passava por endinheirado, apezar das suas modestas apparencias de pobretão. Verdade seja que ninguem sabia onde elle tinha escondido tanto dinheiro, mas ninguem duvidava da grande riqueza que possuia.

Morava com uma sobrinha nas moendas, e suppunha-se que esta sobrinha viria a ser a herdeira do saquitel de peças ganhadas honradamente pelo tio na labutação dos moinhos.

Era ella quem o auxiliava na labutação do officio e ao mesmo tempo exercia o rude mister de levar a casa dos freguezes as taleigas maquiadas.

Arrecadados os paramentos, e posto aos hombros o amplo capote de tres cabeções, o sr. vigario voltou-se para o recemvindo, e com os oculos levantados para a testa, sorriu de o ver.

O moleiro, contra o seu costume, estava d'esta vez flamante com a sua camisa lavada de bofes, calça e jaqueta de briche e tamancos novos. N'uma das mãos trazia o chapeu braguez e na outra meia folha de papel sellado.

O sr. vigario disse:

—Por esta sua casa o decano dos meus freguezes, sem medo ao frio da manhã! grande novidade temos!

—E não é pequena! acudiu Mathusalem, coçando a cabeça.

—Roubo de egreja, ou morte de homem; querem ver? Pois ouviremos o feio caso.

E, descendo o estrado, o sr. vigario encaminhou-se para o escabello fronteiro, convidando o moleiro a sentar-se ao seu lado.

— Agora desembuche para ahi, e faça de conta que está a confessar-se. Vamos, meu amigo,

O moleiro estava perpelexo; tinha o chapeu entalado nos joelhos, e não atava nem desatava. Por fim resolveu-se:

— Trago aqui esta meia folha de papel afim de que o sr. vigario me faça um requerimento ao Nuncio.

—Ao Nuncio! que tem você a requerer ao Nuncio?

Mathusalem comprehendeu que se tornava mistér um acto de energia e levantou-se.

— Sr. vigario, deliberei casar-me, e como a noiva tem o meu sangue, venho requerer a dispensa necessaria. Ora ahi está o que é.

O vigario levantou-se tambem para o medir melhor, de alto a baixo. Estava assombrado com a revelação.

—Essa agora é que não estava no programma!

direita, pelo que teve de ir curar-se ao hospital da Misericordia.

—Basta, por hoje, porque só me caem do bico da penna coisas tristes. Esperemos até á proxima semana, a ver se posso noticiar alguma coisa alegre.—C.

—=—

Fermelã, 13

Na aldeia, onde o inverno triste condiz admiravelmente com a monotonia dos seus habitantes, não ha uma nota imprevista de que se lance mão para prender a attencão dos leitores e entreter-lhe a curiosidade.

Tenho de procurar fóra—e o primeiro assumpto que me occorre é o que neste momento impera em todos os espiritos:—a catastrophe do sul da Italia.

Tambem aqui, como em toda a parte, ella tem constituido o assumpto obrigatorio de todas as conversas.

Sente-se a enorme desgraça da Italia como se fosse nossa propria—e ha semnre uma palavra de dôr para lamentar o tragico fim de Messina e Reggio.

E nós, portuguezes, por muito que façamos não fazemos nada de mais, para affirmar á Italia a nossa sympathia, n'este periodo terrivel da sua vida porque, além dos nos prenderem a ellas os laços sagrados da raça, muito lhe devemos na sciencia e nas artes.

*

De visita á sua familia encontra-se entre nós o nosso dilecto amigo Joaquim de Sousa Neves Junior, considerado commereiante na praca de Coimbra.

— Falleceu, hontem, a sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues de Sá, tia do intelligente e applicado alumno do seminario dos Carvalhos, o nosso amigo Albano Domingues Caramujo.

O seu funeral, que se realisou hoje, foi muito concorrido, assistindo a philarmonica de Canellas.

A todos os seus, os nossos sentidos pesames.

— Tambem falleceu hontem, repentinamente, o nosso saudoso amigo José Marques de Carvalho, proprietario e antigo commerciante no Pará.

— Acha-se bastante doente o nosso bom amigo, Joaquim Augusto de Mattos e Silva, proprietario nesta localidade e zeloso recebedor no concelho de Almeirim.

Anhelamos-lhe completo restabelecimento.—*Sallustino.*

Troviscal (O. do Bairro) **11**

Regressou do Porto, no dia 12 do corrente, o sr. José Alves Ferreira, da Carvalha, onde foi mandar baptisar um filho do sexo masculino, que recebeu o nome de Antonio. Foram padrinhos o nosso amigo sr. Antonio Rodrigues Capucho, da Mamarosa, e a sr.ª Maria Homem, do Sobreiro.

— Afim de assistirem hoje á noite á representação da lindissima revista A B C, no theatro Aveirense, acabam de partir para Aveiro os nossos amigos srs. Manuel dos Santos Ferreira, Antonio Simões Rato e Antonio Joaquim de Carvalho, da Povoa do Forno, e João dos Santos Pato, da Povoa do Carreiro.

—Tambem partiu hontem para o Porto, afim de fazer concurso para conservador, o nosso presado amigo sr. dr. Alvaro dos Santos Pato, do Passadouro. Quc seja feliz.

—No domingo passado festejou-se, no visinha logar de Oyã, o martyr S. Sebastião.

—No dia 17 do corrente, deve realisar-se em Malhapão (Oyã) a festa de S.to Amaro, que costuma ser muito concorrida.

—Falleceu, ha dias, na Silveira (Oyã), com a avançada edade de 85 annos, o sr. Bernardino Manuel de Carvalho,

Paz á sua alma.—*Gil.*

S. João de Loure, 14

Falleceu ha dias em Loure o octogenario nosso amigo José Dias, cuja morte foi assaz lamentada n'aquelle logar.

O funeral foi uma prova de viva saudade e apreço das qualidades do finado.

A todos os doridos enviamos pezames.

—Realisou-se hoje o casamento do nosso presado amigo Antonio Rodrigues Simões, com a simpatica menina de Pinheiro, Margarida Lopes de Paço.

O sr. Simões é um trabalhador incansavel e sobretudo dotado d'uma bella alma.

E' por tanto, digno das mais ridentes venturas.

Desejamos-lhe immensas felicidades.

—O sr. Joaquim Melicias passou o seu acreditado estabelecimento ao sr. Manuel Dias Andrade.

O sr. Melicias foi sempre um commerciante digno, muito considerado pelo publico e d'uma notavel honradez.

Estamos certos de que o sr. Andrade continuará mantendo a estima e respeito que acreditada casa sempre tem merecido.

—O sr. Angusto Baeta queixou-se na administração do concelho de que o Marques, de Loure, lhe tinha roubado 20$000 reis.

Segundo nos informam a queixa é verdadeira, motivo porque o *melro* entrou para a gaiola d'Albergaria.—C.

Toda a correspondencia déve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto

Contas da Receita e Despeza da commissão de Beneficencia e Ensino da freguezia de Vallongo do Vouga nos annos lectivos de 1906 a 1907 e 1907 a 1908.

RECEITA ANGARIADA POR SUBSCRIPÇÃO

NOMES DOS SUBSCRIPTORES	RESIDENCIA	Importancia
Augusto Quaresma de Paula e Mello	Arrancada	1$ 00
Abilio d'Oliveira Bastos	»	2$500
Casimiro d'Oliveira Bastos	»	2$500
José Martins Pereira	»	5$000
Antonio Pereira Vidal	»	1$000
Antonio Gomes d'Oliveira	»	200
Fernando Estimado	»	500
Joaquim Gomes dos Santos	»	500
Joaquim Antonio de Vasconcellos	»	2$500
João Baptista Fernandes de Souza	»	1$000
João Baptista Fernandes Vidal	»	2$500
D. Casimira de Vasconcellos Soares	»	500
D. Engracia de Vasconcellos Soares	»	500
D. Ausenda Quaresma Gomes	»	500
D. Anna Maria Corrêa Saraiva	»	2$500
D. Rosinda Augusta da Silva Bastos	»	500
D. Maria Rosa Gomes Vidal	»	500
D Engracia Amelia	»	1$000
José d'Almeida Duarte	»	500
Luiz d'Almeida Duarte	»	500
Joaquim Simões da Silva	»	500
Adelino d'Almeida Duarte	»	500
Padre Bernardido Martins Pereira	»	1$000
Luiz Pereira Carvalho	»	500
José Ferreira Paula	Agueira	500
D. Emilia da Silva Paula	»	500
José d'Almeida Branco	»	240
Joaquim Duarte Baptista	»	240
Antonio Gomes da Fonseca	»	500
Arcypreste José Gomes dos Santos	»	1$000
Transporte		32$180

Pelas livrarias

—*A Familia Maldonado*, é tambem um romance vasado em moldes diversos d'aquelles que fizeram as delicias das nossas avós nas longas e fastidiosas noites d'inverno. E' um romance de pathologia social, tendo a firmal-o o nome, já laureado, do illustre escriptor duriense Vieira da Costa, que no seu volume *Entre Montanhas* logrou firmar os seus creditos de estylista e de fino observador.

Trata-se da historia de uma familia que póde ser, e é infelizmente, a historia de muitas. Lendo-se o romance *A Familia Maldonado*, todos hão de ver photographadas nas paginas d'esse livro muitas scenas de que teem conhecimento passadas com familias de suas relações, e hão-de reconhecer que os personagens postos em acção pelo poder creador do romancista, não são méros productos da sua phantasia, mas authenticas figuras humanas com as quaes a cada passo deparamos na vida da sociedade Consta o volume de 436 paginas; e desde a primeira á ultima não afrouxa o interesse que o auctor soube urdir de modo a prender irresistivelmente a attenção de quem lê. Quando outros predicados não tivesse *A Familia Maldonado* bastaria este para justificar o exito alcançado

Aos nossos leitoros recommendamos que não deixem de adquirir este livro, se quizerem passar algumas horas agradavelmente entretidos.

ANNUNCIOS

A. B. C.
ILLUSTRADO
POR
ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

VIVEIRO DE VIDEIRAS
AMERICANAS

ENXERTOS e BARBADOS

Enviam-se preços correntes.

João Salgado

Estarrêja--FERMELÃ

COLLEGIO MONDEGO

Paço da Inquisição — Coimbra

Director—Diamantino Diniz Ferreira

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Instrucção secundaria.—Curso geral e complementar.

Curso Commercial.—Portuguez, Conversação franceza, ingleza e allemã, contabilidade, calligraphia e escripturação commercial.

Musica, esgrima e gymnastica sueca.

O ensino primario é ministrado em portuguez, francez e inglez, tendo as linguas estrangeiras uma orientação essencialmente pratica.

Annexas á aula de instrucção primaria, ha officinas de modelação, esculptura, typographia, marcenaria, encadernação e pintura; podendo optar cada alumno pela aprendizagem de qualquer d'estas profissões.

O exame do 3.º anno do Curso Commercial é feito por uma commissão de technicos, sendo passados aos alumnos diplomas de competencia.

Sempre que as aptidões e vontade do alumno o permittam, o Collegio esforçar-se-ha por tirar num só anno a 1.ª, 2.ª e 3.ª classes dos Lyceus, bem como a 4.ª e 5.ª, e a 6.ª 7.ª (de Letrss).

ALUMNOS INTERNOS E EXTERNOS

PROFESSORES

General Aniceto de Paiva.
Charles Lepierre, Director do gabieten de microbiologia da Universidade
Capitão Antonio Baptista Lobo
Lucio Agnello Casimiro, professor do Lyceu de Horta
John Sidney
D. Olivia Duque, directora do Jardim d'Infancia
Francisco da Costa Ramos, professor diplomado
José d'Almeida, guarda-livros
Pinheiro da Costa, antigo leccionista
Antonio Donato, guanda-mór da Universidade
Diamantino Diniz Ferreira, professor da Escola Nacional d'Agricultura.

PORTO
TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.
51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação — Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
» —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte)	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha	10 reis
Communicados, cada linha	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA
(EIXO)
Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Ex.mo Snr.